

## O FORTE — UMA OBRA MODERNISTA

Ivete Susana Kist Huppes

Mestrado de Teoria Literária PUC/RS  
Faculdade de Filosofia, Ciências e  
Letras

Lajeado - RS

### INTRODUÇÃO

É intento deste trabalho obter dados comprobatórios que facultem a classificação da obra «O Forte», de Adonias Aguiar Filho, no interior de uma Escola Literária. Fala-se em dados para secundar a classificação porque o que se observa como altamente pernicioso à seriedade da crítica brasileira é a afoiteza das rotulações. Ora, quando se pretende uma crítica conscienciosa, cumpre que se valorizem as buscas minuciosas no interior mesmo do texto literário, evitando as conceituações fáceis advenientes de juízos meramente exteriores porque baseados na cronologia. Uma obra não é modernista por ter sido escrita depois de 1922, mas porque suas características estruturais e estilísticas assim o atestam.

Com esse pensamento norteador resta formar um quadro de referências para orientar a pesquisa e o julgamento. Tal quadro será delineado, aqui, pelas características postuladas por José Melquior em seu ensaio «A Estética do Modernismo do Ponto de Vista da História da Cultura», as quais se aceitou integralmente.

Assinala-se que, tendo o mencionado teórico, alinhado quatro pontos, passíveis de desdobramento em cinco, conformadores da fisionomia modernista da arte literária, considerar-

se-á possível a denominação «modernista» para a obra em que se presentifiquem mais de a metade deles. Isto porque, ao contrário das ciências exatas onde a correspondência deveria ser praticamente total para ser verdadeira, no interior da Literatura joga-se apenas com possibilidades, uma vez que o gênio do autor tende a desequilibrar os preceitos com a liberdade de sua imaginação. E a crítica, se não atenta a esta realidade, pode se tornar das atividades mais frustrantes e frustradas.

Compõe-se este ensaio de um Capítulo Introdutório, onde se alinham dados sobre Adonias Filho e as postulações de José Melquior acerca do modernismo; de outros cinco Capítulos em que se discute a vigência de cada uma das características apontadas como modernistas na obra «O Forte»; de uma conclusão em que se sintetizam os resultados com vista à possibilidade de enquadramento da obra no interior do Modernismo Brasileiro.

**Características, aqui, aceitas como conformadoras do caráter modernista da Literatura:**

Aceitam-se, sem discussão, os pontos apresentados por José Melquior, no seu trabalho: «A Estética do Modernismo do Ponto de Vista da História da Cultura», como conformadores da fisionomia de uma obra de arte literária modernista. Tais caracteres são:

- (1.) O Jogo quanto ao Conteúdo — que se manifesta por:
  - espírito de paródia e visão grotesca da vida;
  - incorporação do vulgar cotidiano a poemas de tom sério e problemático;
  - sátira dissimulada;
  - presença do grotesco e antitrágico;
  - presença do anti-herói;
  - presença de humor grotesco.
- (2.) O Jogo quanto à Forma:
  - vigência de experimentalismo técnico e consciência artesanal;
  - jogo de linguagens experimentais;
  - a obra é manipulada e profanada pelo autor e, depois, pelo leitor que é chamado a participar «dos ritos simbólicos propostos pelo artista».
- (3.) O Aguçamento do Conflito Arte/Civilização:
  - revalorização do primitivismo;
  - revalorização do inconsciente;
  - revalorização das livres energias dos instintos.
- (4.) A Tendência ao Hermetismo, traduzida por:
  - propensão à incomunicabilidade pelo desdém ao «vulgus pecus»;
  - propensão à Literatura para uma elite;
  - textos difíceis, pejados de alusões exotéricas, deliberadamente em linguagem infensa ao idioma de comunicação pragmática;
  - democracia das palavras, mas semântica ultra-aristocrática.
- (5.) O Cosmopolitismo da Prática Literária, que faculta:
  - a integração entre as diversas literaturas, pelo fato de estas terem se universalizado;
  - a integração da experiência direta da literatura

mundial ao processo criador;  
— a desprovincialização da práxis literária.

### Adonias Filho

Antes de ingressarmos na análise de uma das obras deste autor, parece conveniente apresentar alguns de seus dados biográficos junto à relação de suas obras publicadas.

#### Dados Biográficos:

Adonias Aguiar Filho nasceu em 1915 em Itajuípe, Bahia. É tradutor, ficcionista e crítico. «Modernos Ficcionalistas Brasileiros» se constitui numa de suas obras críticas mais valiosas pela lucidez de apreciações sobre as figuras mais significativas do romance e do conto da atualidade. Seu trabalho crítico está, na maior parte, disperso por Jornais e revistas em que colaborou ou escreve.

Estudou em Ilhéus, tendo começado ainda estudante a publicar artigos no Diário de Notícias e no Imparcial, da Capital baiana. Foi diretor do Instituto Nacional do Livro e do Serviço Nacional de Teatro.

Em 1965, Adonias Filho foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, para ocupar a vaga de Álvaro Moreira.

Exerce a presidência do Conselho Nacional de Cultura.

#### Obras Publicadas:

##### Romances:

1. Os Servos da Morte (1946);
2. Memórias de Lázaro (1952);
3. Corpo Vivo (1962);
4. O Forte (1965);
5. Léguas de Promissão (novelas) (1968);
6. Luanda Beira Bahia (1971);

##### Ensaios:

1. Jornal de um Escritor (1954);
2. Cornélio Pena (1960);
3. O Bloqueio Cultural (1964);

##### Crítica:

1. Modernos Ficcionalistas Brasileiros (1965);
2. O Romance Brasileiro de 30 (1969).

## CAPITULO II — JOGO QUANTO AO CONTEÚDO

Este aspecto se torna evidente em «O Forte», quando se constata a dimensão das implicações do Forte na narrativa. Ele é, de forma insofismável, a personagem central. Tudo surge dele e para ele converge como que por fatalidade. Tibiti, Jairo e Olegário, principalmente, agem à maneira de títeres manobrados por uma força superior: a do Forte. Ele é dono dos destinos e não passa de uma edificação de pedras que a dinamite destrói. Mas, então surge a pergunta, que espécie de fortaleza é esta que arranja as vidas por emanações de sua vontade irresistível?

A solução se coloca em termos de humanização do Forte. Ele é humano até mesmo no aspecto físico:

— «Parece indiferente, assim parado e duro, vive porém como Jairo e Tibiti.» (pág. 103)

— «Estremece como se os fantasmas o segurassem por dentro, ferido, as colunas cortadas, paredões ainda de pé. Há dor, falta sangue, mas sofre como feito de carne.» (pág. 114)

— «O Forte acabou. Está morto como Olegário.» (pág. 126)  
Mas a humanização é maior ainda no que tange ao poder de reger as existências:

— «Arrastavam-no, alguma coisa o levava, o Forte e Olegário naquele domínio.» (pág. 81)

— «Longe, castelo abandonado na montanha, o Forte dava a sombra. Distendia-se sobre as ruas e os becos da Bahia para uni-los.» (pág. 93) — unir se refere a Jairo e Tibiti.

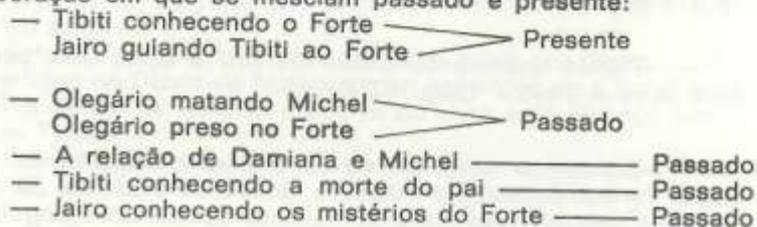
O processo de humanização do Forte resulta numa diminuição da humanidade das personagens. E é neste ponto que se precisa o jogo quanto ao conteúdo: as pessoas são bem menos humanas, têm menos vontade própria do que a construção. O Forte é mais pessoa do que qualquer um. Com isso se vislumbra a sátira ao mito da decisão humana, supostamente livre e, contudo, presa fácil de fascínios simbólicos como o representado pelo Forte nesta narrativa de Adonias Filho.

CAPÍTULO III — JOGO QUANTO À FORMA

Este aspecto é abundantemente caracterizado na obra em exame. Manifesta-se já na composição das partes da obra: por definição expressa do autor elas são três. Há a Primeira Parte, da página 13 à 61, a Segunda Parte, da página 65 à 104 e Terceira Parte, de 107 à 136, mas, além disso, existem dez páginas iniciais, não denominadas, que formam uma espécie de introdução, à maneira de escritos científicos, porque contêm em germe toda a narrativa. Aí são colocadas:

a) todas as personagens importantes: o Forte, Tibiti, Jairo, Olegário, Damiana, Michel.

b) as situações mais decisivas para as personagens, numa elaboração em que se mesclam passado e presente:



c) a estrutura esquemática do enredo, ficando ausente apenas a destruição do Forte:

c.1 — é apresentada a história do Forte:

«Homens e mulheres, a peste e a guerra, hospital e prisão. A vida e a morte, dentro como o silêncio, o corredor vazio. É como se estivesse vendo, passam os soldados e as freiras, os presos falam.» (pág. 10)

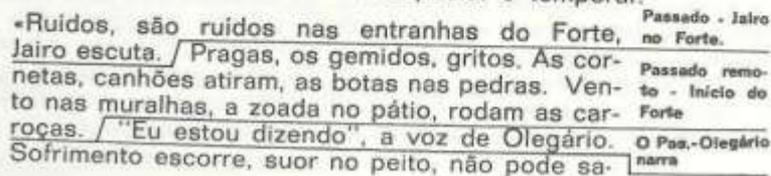
c.2 — é apresentada a história de Tibiti:

Seus pais — O crime de seu avô — o presente com Jairo

c.3 — é apresentada a história de Olegário:

Seu crime — sua vinculação com Jairo (implícita no fato de ele narrar)

d) a técnica de alternância espacial e temporal:



ir. As mãos sangrarão nas grades, os gritos não serão ouvidos, o Forte é um túmulo. Inútil erguer-se, rodar sobre os pés, há chumbo fervendo no sangue. A voz como que escapa do chão, vem pó, parte do ar morno. / É o que fica, aquela voz, enquanto sobre o corredor se levantam as árvores do Terreiro de Jesus. Ele está ali, a pequena multidão em torno dos cantadores, a música dos violões.» (pág. 10)

Passado - Olegário preso no Forte

Passado - no terreiro de Jesus

e) a técnica de alternância do ponto de vista narrativo:

«Tivesse os poderes da vida e assim ele faria todas as mulheres. Aquela pele, os cabelos escuros, o mesmo corpo. Mãe gerando o filho, leite nos seios, berço os braços quando se curvam. A fase, o sol se arrasta, o Forte deve sentir a presença de Tibiti.

O ponto de vista de Jairo

«Ela o transforma quase em um homem. Sabe que o Forte enxerga como se tivesse olhos, o suor nas paredes, é sua respiração que move o ar. Conhece, sim, o Forte conhece Tibiti. O nome fora pronunciado mil vezes, embaixo na galeria. Olegário sempre o tinha na boca.» (pág. 4)

O ponto de vista de Tibiti

Narrador Impessoal

Além dessa «introdução», avultam como marcas do experimentalismo formal os cortes temporais que implicam em cortes da visão da narrativa e em cortes espaciais. Esta característica se faz notar na totalidade da obra e tem como resultante a simultaneidade espacial, temporal e do pensar e sentir das personagens:

Ex. 1 «Bateu nas caras o resto de sol enquanto cavamos o chão. Uniram-se as pancadas na terra e os gemidos dos feridos. Cemitério aberto que, logo fechamos, nele ficaram os mortos. Tamanho o cansaço, quando a noite veio, que sobre ele deitamos para dormir. As sentinelas, atrás da estacada, viam com as fogueiras. O Forte já não era pagão.

Passado remoto no Forte - narra um coevo

«Reaparecia a grade de ferro. A luz fraca.

Pas.-Olegário preso

Meu corpo exausto. No cérebro, as imagens apagadas, os olhos do delegado ardião como faróis... Fechei os olhos para não ver, as pálpebras úmidas, um homem chorava. O advogado interveio, os dedos amassando o cigarro no cinzeiro, o interrogatório. / Foi assim, Jairo, eu estou dizendo.» (págs. 23-4)

Passado - Olegário narra o interrogatório a que foi submetido na delegacia.

Pas. recente - Olegário narra

A presença do conflito Arte-Civilização se dá, aqui, na medida em que o primitivismo é valorizado. É valorizado em termos de atenção à origem do Forte: as lendas de seus inícios.

a) A lenda da conquista sobre os índios: os instintos têm primazia na conquista inicial de um território para o Forte.

Ex.: «Abriu-se a brecha na paliçada. O sol queimava, sede nas gargantas, ocupadas todas as mãos. Raiva e somente raiva em nossa vontade. Eu vi pouco porque era um entre eles. Bordunas e sabres se mediam, miolos vomitados, cabeças na terra, as palavras imundas e o suor no sangue.» (pág. 22)

b) A lenda da morte do pregador, que lançava a maldição:  
«— Todos morrerão aqui. Aqui, dentro do Forte!... Os mortos, embaixo, estão esperando.» (pág. 32)

c) A lenda da peste que teria provindo do corpo do pregador:

«— A morte acampou na Bahia inteira. Os navios fugiram. Os índios correram para o sertão. Negros e brancos como ratos diante da cólera de Deus.» (pág. 34)

«Para o povo, apesar dos anos decorridos, a peste tinha uma origem. Ele, o Pregador.» (pág. 37)

d) A lenda de o Forte ter vencido a peste:

«Os soldados já tinham acampado embaixo, em campo aberto, o Forte convertido em isolamento. Lonas pesadas cobriram os paióis e os corredores se povoaram de freiras. Os gemidos enchiam as galerias. Água fervendo na lavanderia. Hospital agora, os alojamentos como enfermeiras, o Forte amedrontou a peste. Os médicos dividiram a cidade, iniciaram a visitação por grupos de ruas, a limpeza ordenada sob ameaças de castigos.

«O Forte derrotou a peste.» (págs. 38-9)

e) A lenda de o Forte ter vencido a invasão:

Ex. 2 «A sede, pedi água, extremo o cansaço. E foi muito depois, na tarde do dia seguinte, que o advogado voltou. Damiana, a seu lado, ainda tinha o espanto nos olhos».

Passado - Olegário narra - Ele na prisão

«O Forte parecia crescer, uma figura imensa, quando Olegário parou de falar. Longos os minutos da espera. Esgueu-se o negro e aspirou o ar.» (pág. 27)

Passado mais recente - Jairo e Olegário no Forte - Narrador impessoal.

Ex. 3 «O Forte maior no momento trancado em solidão e silêncio. Parecia querer saltar, teso em sua armação, para atulhar o mar. / Ele vindo de frente, o Forte nas costas, os telhados escuros... Voltou-se, cortando as imagens, Olegário esperando. Mais luz nos olhos que nas próprias lâmpadas.

Passado - No Forte - Jairo e Olegário - Ponto de vista de Jairo.

— Nós, os negros, temos a luta no coração.  
— Que luta? — ele perguntou.  
— A luta dos escravos.

Passado no Forte - Diálogo

Viu Olegário aproximar-se, muito alto e gordo, os braços se movendo. Deteve-se, a face dura, e a ele — Jairo — pareceu o escravo que houvesse partido as correntes.» (pág. 48)

Passado - no Forte - ponto de vista de Jairo.

Ex. 4 «Era para lembrar-se como punha as mãos nas pedras, comovido e angustiado, as mãos grandes e negras. Que dizia, que dizia mesmo Tibiti? 'Elas mataram meu pai'. / O avô e a mãe, ela entre os dois, crescendo. O piano, Damiana e as meninas, Olegário escutando. 'Um ex-condenado'. / Estão de pé, ainda imóveis, o refatório. / Concentra o olhar, Jairo quer ver mais, a tristeza no semblante de Tibiti.» (pág. 79)

Passado - Olegário preso - seu o ponto de vista

Passado menos remoto - Olegário em casa - Seu ponto de vista

Olegário preso Presente - Jairo e Tibiti no Forte - visão de Jairo

Ex. 5 «As rodas, estão nos trilhos, há música. Música e frio. / Tibiti, mais que uma criatura, é apenas a voz. Ele a vê, a luz se concentra na face, o corpo se perde na sombra. A voz, seu ritmo, o som, outra mulher ali, domina todos que a escutam, as mãos por vezes dançam frente ao rosto. Os aplausos, ela retorna, reíntegra-se no corpo, parece abalada.» (pág. 120)

Pas. próximo Tibiti no trem

Passado mais remoto - Tibiti cantora - narrador impessoal

Pas. próximo - Tibiti viaja

As considerações e exemplos trazidos deixam bem nítido o agudo experimentalismo formal presente na obra «O Forte», de Adonias Filho.

«Foi o duelo. O Forte e os veleiros se mediram. Fogos se cruzavam, fumaça subindo com a poeira, as cargas do inferno. Levou tempo aquela refrega. Parado, seus torreões quebrados, o Forte cresceu no ódio. Dançando, e o mar também parecia enfurecer-se, os veleiros como que tremiam. Temeram o Forte, esta a verdade, e por isso as velas se abriram. Afastaram-se, seus canhões cobrindo a retirada, em busca do mar alto». (pág. 46)

O conflito Arte-Civilização, no sentido em que o consideramos — o apresentado por José Melquior —, se verifica também no relevo dado ao amor em sua forma mais original, mais despida dos requintes da civilização. O amor de um homem e uma mulher que se sobrepõe a tudo o mais:

Ex. 1 «Foi então que, em Tibiti e nele, irrompeu a mesma alegria, os olhos se enchendo de luz, o riso nas bocas. Mário chegasse, os filhos voltassem, ela não os veria. Também ele já não tinha raízes, Ana Teresa e as meninas, nem Júlio, ninguém. Reencontravam-se, juntos estiveram muitas vezes, ele a revê séculos atrás, as mãos nas suas, há bandeiras e hinos.» (págs. 83-4)

Ex. 2 «— O mundo acabou — ele diz — Apenas nós e o Forte». (pág. 77)

## CAPÍTULO V — O HERMETISMO

Considerando hermetismo como o afastamento da linguagem pragmática e a instituição de formas narrativas inusitadas, pode-se concluir que o hermetismo em «O Forte» surge predominantemente do experimentalismo formal que subverte a linearidade do texto. Fato que se aguça pelo efeito de simultaneidade espacial, temporal e de ponto de vista narrativo que o autor obtém através da sobreposição de imagens e pensamentos. Obviamente que a característica de ser histórico da literatura impede uma completa concomitância dos elementos, o inegável, entretanto, é que o autor alcança a ilusão da simultaneidade. E o meio mais fortemente responsável por isso são os cortes no interior da narrativa, que obtém uma mescla de passado, presente e futuro, em lugares diferentes, e sob o ângulo de visão de uma personagem diferente ou pela voz de um narrador impessoal.

## CAPÍTULO VI — O COSMOPOLITISMO DA PRÁTICA LITERÁRIA

O cosmopolitismo da prática literária, na obra examinada, é consequência quase que direta do experimentalismo. Principalmente do experimentalismo formal que, na medida em que destrói a linearidade da narrativa, tira-lhe o caráter de popular — no sentido de acessível à massa — e eleva-a a um nível de intelectualização franqueado a uma elite cultural. E é neste âmbito que ela se universaliza: por se integrar à experiência literária internacional no que tange ao processo criador.

Não era assim que Aristóteles, e uma larga corrente crítica até nossos dias, encarava o processo de universalização, pois o situava mais a nível conteudístico. Dizia o filósofo: «Por «referir-se ao universal» entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza...» (Aristóteles, Globo, 1966, pág. 78)

Assim é que, com base nas considerações de José Melquior, pode-se afirmar como pacífica a inclusão de «O Forte» no interior da literatura mundial.

## CONCLUSÃO

Uma vez localizadas na obra «O Forte», de Adonias Aguiar Filho, as características propostas como conformadoras do caráter modernista de uma obra de arte literária, a saber: 1. Jogo quanto ao conteúdo; 2. Jogo quanto à forma; 3. Aguçamento do conflito Arte-Civilização; 4. Tendência ao hermetismo; 5. Cosmopolitismo da prática literária, só resta concluir pela propriedade do enquadramento da obra estudada no interior do movimento modernista.

O que se buscou, aqui, foi, deste modo, demonstrar que devem ser evitadas as definições ingênuas, ratificando que elas só procedem quando precedidas da competente pesquisa. Só ela pode apontar com segurança para as classificações apropriadas. Apenas a pesquisa particular e minuciosa, de caso a caso, confere à atividade crítica a propriedade dos julgamentos e, por conseguinte, a desejada e desejável credibilidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre, Globo, 1966.
- FILHO, Adonias Aguiar. Vida e Obra de Adonias Filho. In: **Corpo Vivo**. José Olympio, Civilização Brasileira, Três.
- FILHO, Adonias Aguiar. Obras do Autor. In: **O Forte**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- FILHO, Adonias Aguiar. **O Forte**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- LIMA, Ebon de. **Lições de Literatura Brasileira**. São Paulo, Salesiana, 1963.
- MELQUIOR, José. A Estética do Modernismo do Ponto de Vista da História da Cultura. In: **Formalismo e Tradição Moderna**. Forense.